



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

“COMUNIDADES ALTERNATIVAS”: TRILHAS ENTRE CUIDADOS ECOLÓGICOS E O CUIDADO DE SI.

Ana Cecília dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

anasanti1977@yahoo.com.br

A partir do século XVII¹, o ocidente sofreu significativas mudanças relacionadas aos significados subjetivos² que os sujeitos atribuíam ao “meio ambiente”, ou seja, o ocidente partiu de uma visão que permitia aos sujeitos fazer analogia e leituras no cosmos³, onde a natureza era venerada como criação dos deuses para uma visão que permitia a natureza torna-se objeto de exploração. A análise lógica das coisas, a revolução industrial dos séculos XVIII, XIX e o desenvolvimento tecnológico, fermentado pelo modelo econômico capitalista, ocasionaram severas modificações nos ecossistemas⁴ do planeta terra. Resultado da ação dos sujeitos que deixaram de tirar o necessário para suas reproduções físicas, para retirar a partir das necessidades fabricadas socialmente, necessidades geradas conjuntamente com o crescimento da complexidade do mercado econômico e cultural.

¹ René Descartes (1596 -1650) filósofo, físico, influenciou a ciência moderna ocidental, a partir da sua teoria, o homem deixou de fazer leituras que permitia encontrar analogias no cosmos, para, através do racionalismo, buscar a verdade e a diferenciação entre as coisas.

² Para Weber (2006), a conduta humana é dotada de um significado subjetivo que orienta os comportamentos, relacionados com idéias de valor, sendo assim o comportamento do homem se recobre de significado para quem o estuda.

³ Em Eliade (2010) deparamos com a perspectiva de que o homem religioso das sociedades antigas percebia o mundo como criação dos deuses, por isso o mundo não era opaco, nem inerte, mas um cosmos vivo que falava, ou seja, a própria vida do cosmos era uma demonstração da criação divina.

⁴ Segundo Lago e Pádua (2004), esse conceito nos revela que os elementos da natureza não estão isolados, mas interligados por meio de uma série de relacionamentos físicos e biológicos. Através desses relacionamentos os sistemas naturais adquirem uma vida coletiva própria.



Diversos movimentos contestatórios surgiram concomitantemente com despontar do sistema capitalista, entre eles, os movimentos ecologistas,⁵ que partindo da problemática ecológica⁶, foram incorporados paulatinamente por diversos setores da sociedade ocidental, desde empresários, cientistas até correntes libertárias propagadoras da contracultura⁷.

Os movimentos de contracultura que apareceram nas décadas de 50 e 60 do século XX⁸ trouxeram discursos e práticas que resistiam aos modos de vida

⁵De acordo com Lago e Pádua (2004), o termo ecologia surgiu em 1866, criada pelo o biólogo alemão Ernest Haeckel em sua obra *Morfologia Geral dos Organismos*, este termo estava ligado a uma nova disciplina científica que teria objetivo de estudar as relações entre as espécies animais e o seu ambiente orgânico e inorgânico. Todavia a palavra adquiriu novas configurações, pois deixou de estar vinculada a uma disciplina científica para torna-se um movimento social e político, contornando-se num movimento heterogêneo com múltiplas facetas.

⁶ Devido à diversidade do pensamento ecológico, Lago e Pádua, propôs dividi-lo em quatro grandes blocos para melhor compreender as facetas desses movimentos, que seriam: a ecologia natural, ecologia social, conservacionismo e ecologismo. A ecologia natural é a área do pensamento ecológico que estuda os sistemas naturais, como florestas, oceanos, desertos, etc. buscando compreender as leis que regem o funcionamento desses sistemas; a ecologia social estuda a relação do homem com o seu meio ambiente; o conservacionismo pauta no estudo e nas ações humanas contra o empreendimento destrutivo do homem sobre a natureza, buscando formas de conservar os recursos naturais; o ecologismo consiste num projeto político de transformação social, baseado num ideal de uma sociedade menos opressiva e mais comunitária. Para o ecologismo ações parciais não resolvem problemas ambientais, mas apenas mudanças na economia, na cultura e na maneira como os homens se relacionam entre si e com a natureza, poderão, enfim, resolver a questão ecológica.

⁷ Contracultura é um movimento de contestação social que ganhou intensidade em 1960. Esse movimento propõe estilos de vida alternativos aos instituídos pelas sociedades ocidentais e sugere mudanças, a partir da proposta de modificação das consciências, dos valores e dos comportamentos.

⁸ Após a segunda guerra mundial, na década de 50, os *Beatniks* despontaram, entre outras razões, a partir da frustração no “progresso humano”, pois naquele momento histórico os sujeitos estavam passando por um período de pós-guerra, pela guerra fria e por um constante clima de tensão referente a deflagração de uma possível guerra nuclear que ameaçava destruir toda a vida na terra. Fora um movimento de contestação e desobediência as autoridades. Entre suas práticas, trouxeram os conhecimentos das culturas orientais e experimentos com plantas alucinógenas, buscando alteração ao estado de consciência. Conjuntamente com *Beatniks* apareceram os *Hipsters*, movimento iniciado a partir do descontentamento em relação à atitude de pessimismo assumido pelos *Beatniks*. Os *Hipsters* aprofundaram o descontentamento ao sistema e foram paulatinamente assimilados pelos *Hippies*, estes adotaram a perspectiva de mudança no mundo trazido pelos *Hipsters*, assim como as idéias e práticas propostas pelos *Beatniks*.



capitalista. Alguns desses movimentos buscavam resgatar o primitivismo, ou seja, uma volta às vivências cotidianas coletivas integradas com a natureza, presente em várias culturas tradicionais da humanidade, trazendo à tona discursos e práticas do cuidado com o planeta terra. Os *Hippies* são um exemplo de movimento social que passou a apresentar uma atitude de contestação na sociedade norte-americana, lutando contra a sociedade industrializada, onde o consumismo era e ainda é sua principal marca. Para Tavares (1985), foram os *Hippies* que disseminaram no sistema a contestação e a procura por novos valores.

A primeira comunidade⁹ *Hippie* surgiu no bairro Haight-Ashbury, em São Francisco, Estados Unidos¹⁰. Após a influência dessa comunidade, muitas outras passaram a existir, primavam por valores semelhantes das comunidades *Hippies*. Entre as principais práticas dessas comunidades estão: vivência comunitária; utilizações alternativas dos recursos naturais; preservação do meio ambiente; práticas espirituais; práticas políticas, influenciada pelo anarquismo; busca de independência em relação ao mercado capitalista.

Desde a antiguidade¹¹ muitas comunidades existiram com diversas motivações, mas as reconhecidas “comunidades alternativas” despontaram após esse movimento contestatório iniciado nos Estados Unidos nas décadas de 50 e 60. Essas comunidades são reconhecidas por este nome por buscar práticas alternativas aos modos de vida trazidos pelo sistema capitalista. Zé

⁹ Tratamos das comunidades onde os sujeitos estão unidos por um sentimento de "pertença" a um projeto comum. Não tratamos de comunidades rurais com laços de parentescos, mas comunidades que diferenciam por buscar fugir das sociedades capitalistas.

¹⁰ (TAVARES, p. 20, 1985)

¹¹ No site recantodasletras.uol.com.br, encontramos um texto tratando das “comunidades alternativas”, onde inicialmente a autora expõe uma comunidade filosófico-mística existente na Grécia antiga no século VI a.C. fundada por Pitágoras em Crotona. A busca por conhecimentos era o principal eixo, a propriedade era um bem comum e tudo era repartido em partes iguais. Alimentação era vegetariana e os membros praticavam meditação, utilizando mantras como forma de equilíbrio entre espírito-mente-corpo.



Albano¹², membro da Associação Brasileira das Comunidades Alternativas (ABRASCA) e morador da Comunidade Alternativa de Sabiaguaba, localizada no Estado do Ceará, narra sobre o surgimento das “comunidades alternativas”:

Elas surgiram como herança do movimento *Hippie*, nos anos sessenta, nos Estados Unidos. Onde as pessoas estavam querendo fugir da cidade e fundar comunas (...), onde pudessem plantar, criar suas famílias longe da poluição. (...) Pra mim é um grupo de pessoas que são amigas entre si e que podem ou não ter uma identidade espiritual, tipo: Osho, Hare Krishna, As Treze Tribos, Calendário Maia, Budistas. Gente que curte essas histórias, (...) e que se juntam para estudar juntos, para viver juntos, para criar seus filhos, para plantar sua comida. Parece-me que as comunidades alternativas em geral tentam fazer agricultura e em geral, essa agricultura vai ser naturalista, ecológica e ecologicamente correta. Vão ser provavelmente vegetarianos e têm essas identidades espirituais. Podem ser anarquistas também. (Zé Albano, Janeiro de 2011)

As “comunidades alternativas” podem ser urbanas, rurais, com tendências religiosas, políticas ou ambas, buscam uma espécie de afastamento ou fuga em relação ao sistema capitalista e este afastamento se dar por meio de práticas cotidianas que divergem da forma como o sujeito moderno vivência seu cotidiano.¹³ Notamos uma volta ao “primitivismo” na forma como os

¹² Fotógrafo com mestrado em Fotografia na Newhouse School of Public Communications da Syracuse University, Nova York. Zé Albano tem respeitáveis trabalhos realizados no Brasil e no exterior. Na primeira noite de lua cheia de cada mês, Zé Albano recebe em sua casa pessoas, a fim de reunirem-se ao redor de uma fogueira para trocar idéias, mostrar seus dons artísticos e “harmonizar o ambiente”. Após entoar o “om” (o mantra mais importante do hinduísmo, considerado o corpo sonoro do Absoluta, som do universo e a semente que “fecunda” os outros mantras), todos são convidados a tomar um chazinho, comer granolas, pão caseiro, numa casa aconchegante rodeada de livros, revistas e fotografias. Zé Albano é fotógrafo oficial do ENCA (Encontro Nacional das Comunidades Alternativas).

¹³ O ex-empresário paulista Nelson da Costa Pedro, de 57 anos, ex dono de uma agência de turismo em São Paulo, após ser vítima de um assalto e ficado refém por 8 horas, decidiu mudar de vida e sair da forma como a maioria dos sujeitos ocidentais modernos vivencia seus cotidianos. Hoje o ex-empresário integra com outras 800 pessoas a comunidade Ecologistas Sem Fronteiras na Aldeia de Paz. Sua rotina atual é acordar às 6h, praticar meditação, ioga ou uma arte marcial até as 7h, depois toma café e começa a realizar suas tarefas. Todas as refeições da comunidade são orgânicas, sem resíduos tóxicos. Não são consumidas carnes, bebidas alcoólicas e enlatados. Sabonete industrial também não entra no acampamento – os



indivíduos percebem a natureza e as relações humanas. Abaixo Alan, membro da ABRASCA e morador da Comunidade Sabiaguaba, expressa a busca pelo “primitivismo”.

A vivência alternativa não é uma vivência extraterrestre, por exemplo, a gente está vivendo numa comunidade de pessoas trabalhando para poder ganhar um dinheiro para comprar roupa, comprar comida, ter onde morar (...). Então se buscou outra alternativa e essa alternativa não é extraterrestre, não é extra aquilo ali. Na verdade é um resgate a uma primitividade, para entrar num estado mais primitivo e mais tranqüilo de vida. Entende-se que aquele conceito de cidade, de frenética de vida, aquilo ali é que está em desequilíbrio, aquilo ali que não é natural. (Alan, Janeiro de 2011)

Outro nome pelo qual são reconhecidas as referidas comunidades é “comunidades aquarianas”. Esse nome foi dado, porque alguns sujeitos integrantes do movimento alternativo acreditam que haverá uma mudança na vida da humanidade. Essa mudança acontecerá com a chegada da era de aquário, ou seja, uma nova era astrológica vinda após a era de peixes (era do cristianismo que compreende o período de nascimento de Jesus Cristo até o ingresso do sol em Áries que se dará com a entrada em direção à constelação de aquário).¹⁴

As “comunidades alternativas” podem se constituir e basear suas vivências apenas nas práticas diversas aos meios de vida das sociedades modernas ocidentais e nos discursos e práticas “ecológicas e ecologicamente

sabonetes utilizados são biodegradáveis, à base de ervas e raízes. Antes das refeições acontece a “roda”, momento em que são divididos os grupos para a realização das tarefas do acampamento. (Encontramos essas informações no site www.jornalpequeno.com.br/2009/1/29)

¹⁴ Segundo os estudos astrológicos e as profecias de algumas civilizações, por exemplo, a civilização maia, até a chegada da “nova era” a humanidade sofrerá um difícil período de transição, mas cessando esse período, vivenciaremos uma maior consciência em relação à vida no planeta terra, onde a vida será valorizada pelo ser humano em suas diversas manifestações. Uma nova relação entre seres humanos baseada na igualdade, liberdade, fraternidade será vivenciada. A diversidade e a aceitação dos seres humanos em suas diferenças, assim como a busca de uma realização dos homens e mulheres integrados com a natureza será foco.



corretas”, mas a espiritualidade está presente nas comunidades com maior coesão, todavia essa espiritualidade não necessariamente está ligada a uma única religião. As “comunidades alternativas” primam pela diversidade, por isso dentro de uma comunidade pode existir pessoas seguindo religiões diferentes e mesmo assim, conviver entre si sem buscar uma unificação nas formas de viver suas espiritualidades.

As “comunidades alternativas” brasileiras possuem uma associação com sede jurídica com trinta e cinco anos de existência localizada em São Lourenço, no sul de Minas Gerais. Desde então escolhem um representante, secretário geral, tesoureiro e conselheiros, entre os conselhos, têm o conselho de ética e o conselho dos anciões¹⁵. Esses representantes são constantemente trocados, pois existe a preocupação de que lideranças despontem. Esta precaução está pautada na visão de que o poder centrado nas mãos de poucos homens cria um mal que corrompe e deve ser evitado, por isso não existe uma autoridade central.

O conselho dos anciões é o conselho que rege os direcionamentos das “comunidades alternativas”, congregando e organizando os Encontros de Comunidades Alternativas (ENCA)¹⁶, todavia não é revelada a identidade dos componentes. Quando acontece o ENCA os anciões reúnem na mata e decidem os direcionamentos do encontro. As “comunidades alternativas” tomam essa atitude de não revelar a identidade dos anciões, pela necessidade de não sofrer influências por parte de interesses pessoais, pois em cada encontro comparecem mais de quinhentas pessoas provindas de diversas regiões do Brasil e do exterior com interesses diversos. Os anciões também compartilham

¹⁵ Constituído por pessoas de várias comunidades alternativas espalhadas pelo Brasil. Apesar do nome, neste conselho participam mulheres e pessoas jovens.

¹⁶ O Encontro Nacional das Comunidades Alternativas (ENCA) acontece no mês de julho, uma semana antes da lua cheia, em qualquer parte do Brasil, localizado em local afastado do meio urbano, próximo a uma lagoa, cachoeira ou rio.



as vivências e regem de forma espiritual o encontro. Perguntamos quais critérios eram selecionados os anciões e a resposta foi:

O ancião é o que tem tempo de conhecimento em sabedoria reconhecida. Sabedoria e conhecimento são diferentes. Sabedoria é daquele que saboreou, experimentou na vida dele por um bom tempo a vivência comunitária. Tem vivência e sabedoria sobre. Saboreou a vida. O sábio é aquele que saboreia fisicamente a vida. (Entrevista feita a Alan em Janeiro de 2011)

Os discursos e algumas práticas apresentadas pelas “comunidades alternativas” ou “comunidades aquarianas” trazem um caráter de resistência aos modos de vida ocidental das sociedades capitalistas, uma vez que são resgatadas na cotidianidade dessas comunidades vivências contrastantes com o cotidiano das referidas sociedades. Mas para além da resistência ao capitalismo notamos nas práticas e discursos das “comunidades alternativas” que os sujeitos estão buscando uma sabedoria, não apenas na forma como lidamos com o planeta terra, mas estão buscando uma espécie de sabedoria que propicia o “cuidado de si”, dos outros e do planeta. Essa sabedoria também está ligada a uma sacralização do cosmos, daí a busca pelo primitivo, ou seja, pelas antigas relações entre o sujeito e o meio ambiente. Essa busca pela sabedoria perpassa diversas práticas da antiguidade, entre elas, citaremos a civilização grega que repercutiu mais fortemente na cultura ocidental e trouxe uma “tecnologia de si” para alcançar o “cuidado de si”.

Na cultura grega, helenística e romana, nos séculos I e II, propagaram-se práticas do “cuidado de si” movidas por grupos, alguns fechados em si, assumindo o caráter de organizações de fraternidade, escolas, seitas e comunidades. Essas práticas eram ritualizadas e relacionadas com a espiritualidade, numa busca de uma “tecnologia de si” para alcançar o divino em si.¹⁷

¹⁷ Entre essas práticas citaremos os ritos de purificação, a concentração da alma, o retiro e a resistência. Os ritos de purificação consistiam purificar para entrar em contato com os deuses



Na Grécia antiga, o filósofo Sócrates ao ser condenado a morte, perguntaram-no sobre o motivo daquela situação e o mesmo revelou orgulhoso de ter levado a vida que levou, pois não ocupou seu tempo com riquezas, famas e honrarias, mas visou buscar a si mesmo, interessou-se por sua alma num permanente “cuidado de si”. Sócrates apresenta-se como aquele que tem a função despertar e incitar os outros a ocuparem consigo mesmo. O filósofo é comparado com um tавão, espécie de inseto que persegue os animais, pica-os e os faz correr e agitar-se. “O cuidado de si é uma espécie de agulhão que deve ser implantado na carne dos homens, cravado na sua existência, e constitui um princípio de permanente inquietude no curso da existência”. (FOUCAULT, 2006, p.11)

Essas práticas do “cuidado de si” da antiguidade definiram “maneiras de ser”, formas de reflexão, constituindo um fenômeno de enorme importância na história das subjetividades. Para Foucault (2006), “do exercício filosófico ao asceticismo, mil anos de transformação (...) de que o cuidado de si é,(...) um dos mais importantes fios condutores”. (FOUCAULT, 2006, págs. 14,15).

Algumas práticas relacionadas ao “cuidado de si” não foram perpetradas somente na cultura grega antiga, mas amplamente praticadas em diversas culturas¹⁸, todavia no pensamento grego houve uma racionalização,

ou ligar-se ao cosmos, a fim de compreender “a verdade”; a concentração da alma incidia numa visão que enxergava a alma como uma espécie de *pneûma* que poderia ser dispersa, era preciso concentrar e recolhê-la para não expor ao perigo exterior, para isso existiam exercícios, entre eles, os exercícios respiratórios que permitia uma concentração; o retiro era uma necessidade de ausentar-se sem sair do lugar, com a finalidade de não mais sentir as sensações; a resistência consistia em resistir às tentações dos sentidos, por exemplo, a fome, o frio, as dores, as necessidades dos prazeres sexuais e gustativos.

¹⁸ Para exemplificar umas dessas práticas da antiguidade citaremos a meditação no hinduísmo, considerada uma das práticas tradicionais mais antigas surgidas na Índia. O hinduísmo é centrado numa série de práticas que são utilizadas para ajudar os sujeitos a experimentar o “espírito supremo cósmico”, dessa maneira, realizar a meditação permite aos sujeitos sentir a verdadeira natureza do ser.



uma técnica da cultura de si. Foucault salienta que essas práticas do “cuidado de si”, foram sobrepujadas pelo dito “conhece-te a ti mesmo”, em grego, gnôthi seautón apregoado no oráculo de delfos¹⁹ e lembra que esta citação fazia parte dos preceitos delfos endereçados aos que vinham consultar o oráculo. Eram preceitos de prudência para o homem não querer se igualar aos deuses. Na mitologia grega, o oráculo de Delfos era uma forma que o deus Apolo utilizava para transmitir a vontade de Zeus. Apolo era o deus que afastava o mal, era o purificador. Segundo Eliade (2010), Apolo representa a expressão do conhecimento religioso do mundo e da existência humana, revelando aos seres humanos o caminho que conduz a “visão divina” do pensamento. A inteligência, a ciência e a sabedoria são qualidades cedidas por Zeus a Apolo, daí a frase “conhece-te a ti mesmo”.

Foucault demonstra que para os gregos da antiguidade o “cuidado de si”(cuidar da alma) era uma atitude para consigo, para com os outros, para com o mundo. Era uma forma de pensar o pensamento. O filósofo para ter acesso à verdade colocava em questão o seu próprio ser, buscando uma purificação, numa incessante busca do eu. Na idade moderna, a partir do que Foucault chamou de “momento cartesiano”, o filósofo adquire outra configuração, pois neste momento para ter acesso à verdade bastava ter o conhecimento, ou seja, o conhecimento pelo conhecimento, sem necessidade de uma mudança no ser.

No desenrolar deste movimento espiritual, cultivado pelos platonistas e outras escolas da antiguidade, Foucault trouxe à tona o grande paradoxo que o “cuidado de si”, sobrepujado pelo “conhece-te a ti mesmo” ocasionou na cultura ocidental. Para os platonistas o acesso à verdade somente aconteceria

¹⁹ Algumas lendas foram narradas para explicar o surgimento do oráculo de Delfos, entre elas, consta que Zeus soltou duas águias na extremidade do mundo e ambas encontraram-se neste sítio oracular, onde seria o local sagrado de expressão dos poderes da terra-mãe. O oráculo era manifestado, por meio das pítias e do profeta que assistia a consulta. A pítia era uma moça escolhida entre as camponesas de Delfos que levava consigo a missão de entrar em estado de transe e transmitir a vontade, inicialmente da terra mãe, depois do deus Apolo e em algumas ocasiões do deus Dioniso.



no reconhecimento do divino em si mesmo. Todavia essa busca desse conhecimento de si também fermentou a racionalidade, isto é, o conhecimento pelo conhecimento sem a espiritualidade.

Esse processo de separar o “cuidado de si” da filosofia já vinha se desenvolvendo antes do racionalismo trazido por Descartes. Iniciou, por meio da teologia e do cristianismo, onde o sujeito cognoscente encontrava em Deus, seu modelo, sua realização absoluta e o mais alto grau de perfeição. Apartando o sujeito da idéia de uma busca espiritual do divino em si mesmo. O conhecimento pelo conhecimento, fermentado ao longo da história pelas práticas do “conhece-te a ti mesmo” resultou no racionalismo, marcando o pensamento ocidental.

Foucault (2002) desenha um percurso na trajetória histórica do pensamento ocidental, para compreender como aconteceu o empreendimento de intensa racionalização da cultura, após séculos XVII e XVIII. Racionalização que separa os homens das coisas. Foucault descreve a forma como os indivíduos percebiam o mundo antes dos referidos séculos.

Para o autor, até o fim do século XVI a semelhança era forma de apreensão do mundo que governou os saberes, os símbolos e as artes. Na concepção dos indivíduos desse período histórico, todos os seres existentes no mundo ajustavam-se buscando uma semelhança, uma vez que tudo fora criado e permanecia contido em Deus.

Por meio da similitude e analogias, os homens buscavam comparações entre as coisas. Foucault (2002) mostra que a similitude torna-se então o combate de uma forma contra outra, ou seja, de uma mesma forma separada de si pelo peso da matéria. Foucault cita uma comparação feita por um indivíduo pertencente ao século XVI, conhecido pelo nome de Pierre Belon, o mesmo



compara o esqueleto humano ao esqueleto de um pássaro e nessa comparação percebe-se uma busca de semelhança entre as duas formas de vida.

Outra forma de semelhança era compreendida pelo o jogo das simpatias (atração) e antipatias (isolamento). Ambas possibilitavam a transformação das coisas. Segundo Foucault (2002, p. 34), “as coisas crescem, se desenvolvem, se misturam, desaparecem, morrem, mas indefinidamente se encontram”. Os quatro elementos, o fogo, o ar, a terra e água seria um exemplo para compreender essa relação. O fogo é quente e seco, a água é fria e úmida, assim como o ar é quente e úmido e a terra é fria e seca. Essa relação cria as antipatias entre as coisas, porém para conciliá-los, o ar foi colocado entre o fogo e a água, e a água entre a terra e o ar, surgindo assim às simpatias entre as coisas.

Esses sistemas de simpatias e antipatias não são fechados, mas revelam-se, por meio dos sistemas de assinalações, isto é, quando torna visível, por meio de “figuras” às referidas semelhanças. Para exemplificar como ocorre a assinalação, Foucault fornece o exemplo da semelhança entre o acônito (planta venenosa utilizada para meios homeopáticos) e os olhos. O acônito possui uma marca que sinaliza ser benéfica para os olhos, demonstrando a semelhança e a simpatia entre ambos.

A antiguidade era um campo onde se lia, interpretava, buscava semelhança e fazia analogia entre as coisas. A natureza era um espaço de interpretação, onde os signos faziam o mundo falar. Para Eliade (2010), o homem das sociedades arcaicas via o mundo, não como mudo, opaco e sem significado, mas o sentia como um cosmos vivo e falante, enxergando em si um microcosmos relacionado com o cosmos. Esse cosmos era sagrado, pois fora criado pelos deuses.



No começo do século XVII essa forma de pensamento sofreu significativas mudanças. Nesse período a semelhança deixa de ser a base para leitura do mundo para tornar-se um erro. Descartes recusa a semelhança. Para este filósofo, quando existe semelhança entre duas coisas, deve-se buscar o que é verdadeiro para somente uma delas. A semelhança que durante muito tempo era uma forma do pensamento ocidental, agora se acha dissociado pelo pensamento analítico, o qual busca a identidade e a diferença entre as coisas. Agora, a linguagem do mundo é representada, por meio de um sistema de símbolos artificiais e operações que possibilitam o encontro como uma análise lógica. Nesse contexto, Descartes percebia a natureza como um sistema de leis da matéria que resultava no mundo tal qual ele é. A natureza para este autor, nada mais é do que o funcionamento automático dessas leis.

O racionalismo do século XVII marca o desaparecimento das velhas crenças que, a partir desse momento, passam a ser vistas como supersticiosas ou mágicas. Entra em cena o pensamento científico que busca a medida das coisas, as identidades e as séries de diferenças. Os signos tornam-se instrumentos de análise e discernimento e não mais interpretação e decifração do mundo. O homem se retira do quadro das paisagens naturais para tornar-se apenas seu apreciador.

A busca do conhecimento pelo conhecimento e a noção de um Deus perfeito apartado do homem que veio trazer a salvação, por meio da remissão dos pecados, dificultou a procura do divino em si, assim como apartou do sujeito a idéia de pertencimento à terra e ao cosmos. Uma vez que a salvação propagada pelo cristianismo era algo que tinha haver apenas com o homem e seu Deus, trazendo como resultado uma separação da relação sagrada entre homem e o cosmos.

Os caminhos percorridos pelos gregos e por outros povos na busca da sabedoria suscitavam atitudes não apenas de mudanças nos atos cotidianos, mas uma profunda mudança no ser. Como os membros das “comunidades



alternativas” praticam o “cuidado de si”? Será o formato do “cuidado de si” praticado nas “comunidades alternativas” implica numa “transformação do ser”? O que implica essa mudança para alguns gregos da antiguidade?

Para compreender como os filósofos faziam essa busca do ser, recorreremos às práticas do “cuidado de si” no período I e II da nossa era, onde Sêneca traz uma idéia de “agitação do pensamento” que Foucault denominou de *stultitia*. *Stultos* é o sujeito que não tem cuidado consigo mesmo, aquele que está à mercê e aberto ao mundo exterior, deixando as representações do mundo penetrar e misturar-se no seu interior, no seu espírito, ficando aberto não somente ao que vem de fora, mas o que vem dentro, ou seja, seus pensamentos e sensações. O *stultos* é aquele que quer várias coisas ao mesmo tempo, coisas até contraditórias, como glória e paz de espírito e não apresenta um querer único, constante e intenso.

No estado diverso do *stulto*, está o sujeito que quer livremente e sempre. É o sujeito que não fica a mercê das representações exteriores e interiores. Foucault explica: “que objeto é este que se pode querer absolutamente, isto é, sem colocá-lo em relação com qualquer outro? O eu.” (FOUCAULT, 2006, p. 164) Este sujeito diverso do *stulto* é o *sapiens*, pois este tem o objetivo da *sapientia*, ou seja, a busca pelo eu, pelo querer livremente e absolutamente a si mesmo sem deixar levar por representações exteriores e desejos de auto-apreço.

Esta “forma do espírito” trazido por Sêneca e explicitada por Foucault remonta a uma contradição em relação ao formato como os sujeitos vivem suas subjetividades²⁰. Na contemporaneidade, mais do que em qualquer outra época

²⁰ Para Guattari a subjetividade não é concebida, a partir da psicanálise tradicional que se baseia numa estrutura fixa do inconsciente, mas ao contrário, para Guattari o inconsciente é processual e a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Nessa concepção de subjetividade, os indivíduos estão constantemente sendo construídos e ao mesmo tempo construindo a realidade circundante.



histórica, os sujeitos estão inseridos numa espécie de teia contida num sistema que se apropria das ações humanas e as identificam fixando-as em quadros de referências coletivas. Esse sistema perpassa pelas subjetividades, fixando-as, reelaborando-as e fabricando-as como uma mercadoria, e assim se apropria das mais variadas formas de existência e as encaixa numa forma de ser massificadora transformando sujeitos em consumidores e apoiadores de expansões econômicas. O sujeito não quer livremente, pois simplesmente está condicionado no seu próprio querer.

A partir desse quadro, podemos conceber como a proposta trazida por Sêneca contém em si uma espécie de contradição nas formas como são direcionadas as subjetividades atuais, pois uma vez praticada a “busca de si,” subverteria um formato de vida pré-fabricado tão importante para manutenção dos sistemas inclusive do sistema econômico moderno. Deleuze explica o que fizeram os antigos gregos com suas subjetividades:

Dobram a força, sem que ela deixasse de ser força. Eles a relacionaram consigo mesma. Longe de ignorarem a interioridade, a individualidade, a subjetividade, eles inventaram o sujeito, mas como uma derivada, como produto de uma subjetivação. (DELEUZE, 2008, p. 108)

Para Sêneca o “cuidado de si” pressupõe o cultivo de um sujeito livre, não mais a mercê do que acontece no exterior, mas, como expressa Deleuze, um sujeito produto de uma subjetivação, ou seja, um sujeito que expõe sua singularidade ao passar pelos processos de subjetividade de sua época. Ultrapassando o estado de sujeito condicionado, uma vez que se torna operador da sua condição humana, por meio da contínua e intensa busca do governo de si. Trazendo a possibilidade de resistência a formas massificadoras de “ser e existir”, pois o filósofo traz a constituição de si mesmo na relação com os outros. Notamos que esse “governo de si” trazido pelos gregos não é um conceito fixo, mas está em movimento, uma vez que o sujeito está em permanente busca por si, num constante processo de subjetivação, num persistente movimento nômade.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Notamos que o “cuidado de si”, traz consigo o “governo de si” que consiste numa interiorização, onde o sujeito retorna a si e recria a si mesmo, trazendo consigo uma potência que recusa os quadros de subjetivação contemporânea. Os sujeitos recriam suas próprias práticas, dessa maneira, consegue alcançar brechas no sistema de subjetividade dominante ao não se enquadrar as formas de ser pré-estabelecidas.

De acordo com Guattari, a produção da subjetividade capitalista gera uma cultura com vocação universal, tolerando até territórios subjetivos que escapam a essa cultura geral, ou seja, “o modo de vida” proposto pelas “comunidades alternativas” também é absorvido pelo sistema, reelaborado e transformado em produto de consumo alternativo. As “comunidades alternativas” ao trazer essa denominação, adquirem uma referência, uma circunscrição no sistema capitalista, nesse contexto, enquadra-se na “cultura alternativa” não escapando a uma serialização.

Contudo dentro da sociedade e na esfera das comunidades alternativas, existe um movimento de escape dessas referências de subjetividades, uma vez que, constantemente em diversos tempos e lugares, irrompem processos de singularização, ou seja, resistências as serializações das formas de ser, configurando linhas de fuga que propiciam um devir diferencial.

Nas práticas das “comunidades alternativas” observamos técnicas do “cuidado de si”, que entre outras coisas, consiste em um “retorno a si mesmo” para possibilitar uma conexão com o cosmos. Essas práticas são realizadas por sujeitos desde a antiguidade e vêm adquirindo diversos formatos ao longo das histórias das civilizações. Práticas também denominadas religiosas, pois visa buscar o divino em si. Notamos que os sujeitos das “comunidades alternativas” procuram resgatar uma “cosmovisão” que se contrapõe ao racionalismo que, entre outras coisas, fundamenta o modo de ser do sujeito moderno ocidental.



Essa “cosmovisão” proporciona sentir a sensação de ligação entre sujeitos (microcosmos) e natureza/universo (macrocosmos), concebendo essa relação como conexão com a vida.

Os sujeitos desta pesquisa não estão inertes, a mercê dos agenciamentos de subjetividades trazidas pelos sistemas, mas os compreendemos como produtores e portadores de processos criativos que os permite criarem “linhas de fuga” no sistema capitalista, retomando novas formas de ser e estar no mundo. Nesta pesquisa, retomamos uma visão holística onde tudo está interligado, onde tudo exprime a potência da vida, da natureza, num persistente estado de “vir a ser” - lugar onde todas as coisas emanam num contínuo encantamento da vida como potência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. **FOUCAULT**. São Paulo –SP: editora brasiliense, 2008.

ELIADE. Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo – SP: wmf Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT. Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo – SP: Martins Fontes, 2006.

_____. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo – SP: Martins Fontes, 2002.

GUATTARI, Félix, ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis-RJ: Vozes.

LAGO, Antônio, PÁDUA, José Augusto. **O QUE É ECOLOGIA**. São Paulo – SP: Brasiliense, 2004. (coleção primeiros passos; 116)

TAVARES, Carlos A. P. **O QUE SÃO COMUNIDADES ALTERNATIVAS**. São Paulo – SP: Nova Cultural: Editora Brasiliense, 1985. (coleção primeiros passos)